

O LIVRO DE JONAS E O ARREPENDIMENTO VERDADEIRO NA BÍBLIA E NA ATUALIDADE

Evelise Cavalcanti⁵²
Teresa Akil⁵³

RESUMO

O presente artigo científico busca analisar a relação de instabilidade do homem com o divino, através da obediência e desobediência do homem em relação a Deus, bem como ao pecado. Analisa-se, no presente estudo, o reflexo primordial de desobediência a Deus na parte introdutória do Livro de Jonas, contemplando o pecado em si e o relacionamento de Jonas com Deus para que seja pautada e estruturada a misericórdia divina em Jonas. A partir dessa concepção, busca-se refletir acerca da instabilidade do homem em relação a Deus na Bíblia e na atualidade para traçar parâmetros para que seja aprofundado o arrependimento verdadeiro do ser humano, a partir da análise de Jonas e Davi.

Palavras-chave: Livro de Jonas. Desobediência ao divino. Dúvida. Culpa. Arrependimento verdadeiro.

ABSTRACT

This scientific article seeks to analyze the relationship of man's instability with the divine, through man's obedience and disobedience in relation to God, as well as sin. In this study, the primary reflection of disobedience to God is analyzed in the introductory part of the Book of Jonah, contemplating sin itself and Jonah's relationship with God so that divine mercy in Jonah is guided and structured. From this conception, we seek to reflect on the instability of man in relation to God in the Bible and nowadays to outline parameters so that the true repentance of the human being is deepened, based on the analysis of Jonas and David.

Keywords: Book of Jonah. Disobedience to the divine. Doubt. Guilt. True repentance.

1 INTRODUÇÃO

A história de Jonas tem sido contada desde a antiguidade. Não é incomum, encontrarmos entre classes infantis ou nas mais altas patentes teológicas, discussões calorosas sobre as peculiaridades desse personagem tão conhecido.

⁵² Graduada em Direito (Unifeso)), Graduada em Teologia (Faceten), Pós-graduada em Exegese e Interpretação da Bíblia (Fabat), em História de Israel (Kennedy), em Direito Processual Civil (Unican).

⁵³ Doutora em Teologia (PUC-Rio), Mestre em Teologia Bíblica (STBSB), Graduada em Teologia (Faculdade Batista do Paraná) e em Comunicação Social (Universidade Estácio de Sá). Docente das disciplinas da área bíblica (Antigo Testamento) e Exegese, coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa Bíblica nas Tradições de Israel.

Várias abordagens têm sido temas infundáveis de dúvidas, seria possível um homem permanecer três dias na barriga de um peixe, seria uma baleia, em que época se passou, um profeta desobediente e insensível, várias discussões pertinentes afloram nosso entendimento.

A mais importante e contextualizada questão, não se trata da possibilidade material ou emocional da situação. A importância espiritual da história tão bem narrada em um dos menores livros da Bíblia, nos traz a reflexão na limitação do homem, em qualquer época, de ser avaliada quanto ao seu verdadeiro arrependimento.

A Bíblia narra diversos momentos humanos nos mais antigos textos, aonde os povos, inclusive o povo escolhido, não conseguiram se manter firmes aos mandamentos de YHWH. Em Nínive nos parece que não foi diferente. No momento aonde a mão de Deus mostrou-se pesada, o rei se humilha e recebe o perdão, porém não mais que uma geração após, esse mesmo povo se mostra como inimigo mortal de Israel.

Haveria acontecido um verdadeiro arrependimento, ou o medo e a derrota certa, teriam levado os Ninivitas a um momentâneo reconhecimento de seu erro e a uma consequente submissão forçada pela situação. Para as considerações e conclusões, precisamos entender um pouco desse povo e de todo contexto que o envolve.

2. JONAS: ÉPOCA, HISTÓRIA, AUTORIA

Jonas é descrito de formas diferentes na visão de diferentes teólogos. Bazioli (2011, p. 3), por exemplo, descreve Jonas como “o mais estranho dos profetas”, mas com uma mensagem que produzira efeitos até mesmo naqueles que não o ouviram diretamente. Para o autor, Jonas fora o mais bem sucedido pregador, com um sermão que impactava fazendo uso apenas de palavras. Na Bíblia, conforme enunciado por Alencar (2010), o livro de Jonas faz parte da coleção de livros proféticos, situando-se entre os livros de Abdias e Miqueias.

Não há um consenso absoluto acerca da autoria do livro de Jonas, uma vez que o livro não declara o nome do autor. Entretanto, há a tese bastante aceita e estabelecida nos estudos de Erthal et al. (2002, p. 35) que assimila que “embora o livro não declare o nome do autor, seguramente foi o próprio Jonas quem o escreveu”. Para os autores, Jonas tem o nome que significa “pombo”, sendo apresentado como filho de Amitai. Nasceria em Gate-Efer, cidade situada próxima a Nazaré.

Já Alencar (2010, p. 7) aponta que é impossível precisar de quem fora a autoria do livro de Jonas, visto que na época um dos grupos responsáveis pela educação eram os sacerdotes, cuja obrigação consistia em ensinar ao povo a instrução como uma lei, estando

relacionados ao culto e sacrifício: "O autor do livro de Jonas pode ter sua origem entre os sábios de Israel, pois conhecia bem a tradição de seu povo, bem como a de outros povos. Ele devia manter contato com estrangeiros e os considerava com bons olhos".

Para que seja possível compreender e aprofundar conhecimentos acerca de Jonas e do Livro de Jonas, torna-se indispensável refletir acerca do contexto histórico do mesmo. Dasilva (2003) leciona que o livro de Jonas fora escrito um século antes de Jesus proferir as palavras registradas em Mateus (12:39-40), consistindo no relato de como Deus enviara um profeta judeu para levar sua mensagem de salvação para uma nação gentílica: Assíria, com a capital Nínive que possuía uma população de mais de 120.000 homens. O autor ainda complementa que:

A história de Jonas tão conhecida pela menor criança da Escola Dominical, é geralmente contextualizada e limitada ao milagre do profeta subsistir dentro do ventre de um grande peixe por três dias e três noites, ou ao fator de sua desobediência. Este livro, no entanto, não tem como prioridade mostrar a Jonas, o peixe, sua pregação ou o povo de Nínive. Ele guarda na sua linda história, revelações sobre a pessoa e caráter de Deus. O livro foi escrito para revelar um Deus que está sobre nós; que cuida, que orienta, que ama, e que caminha conosco (DASILVA, 2003, p. 1).

Fabio (1991) aponta que Jonas vivera em um período no qual Israel corria grave risco de ser extinto enquanto nação. O autor aponta que em II Reis, 14:27 "Ainda não falara o Senhor em apagar o nome do Israel de debaixo do céu", mas estava perto de tomar tal decisão. Na época, a pobreza era uma marca da sociedade e não havia nem um homem escravizado, nem um homem livre. As classes sociais estavam praticamente unificadas, com a classe média tendo desaparecido por completo e diminuindo a riqueza privada de maneira significativa:

Paradoxalmente era tremenda a expansão militar, e Israel atingira um nível bastante estável de segurança nacional. Percebemos isso em II Reis, 14:25,28, através das palavras "restabeleceu" e "conquistou", presentes no texto. Está dito ali que Jeroboão II restabelece as fronteiras e conquista espaços pela via das forças armadas; enquanto isso, a angústia social do povo era horrível. Não havia o menor vislumbre ou esperança de mudanças radicais, pois não se contava com ninguém que socorresse Israel (II Reis, 14:26). Em consequência de tal situação, Jonas se transformou num profeta extremamente politizado; por conseguinte, ideologizado. Ele tinha consciência, por exemplo, de que nos seus dias a grande ameaça para Israel era a Assíria, cuja capital era Nínive (FABIO, 1991, p. 4-5).

Ora, Jonas não vivera e sua história não fora contada em um período de prosperidade. Nínive era considerada uma grande ameaça para Israel, assim como Assíria em geral. Erthal et al. (2002) apontam que o tema do livro de Jonas concentra-se na misericórdia divina. Jonas

é chamado por deus para advertir Nínive aos fatos que seriam consumados como consequência para seus pecados, sendo o principal propósito de Deus nesse sentido é o de demonstrar a Israel e às nações a magnitude da misericórdia de Deus e sua ação através da pregação do arrependimento.

Alencar (2010) Jonas é chamado por Deus para anunciar a conversão na capital Nínive, que encontrava-se fora das fronteiras com Israel, sendo um reflexo do nacionalismo exclusivista do povo de Israel no pós-exílio, fundamentado na concepção de povo eleito e na visão de Jerusalém como o único lugar onde Deus manifestava-se. Trata-se da comunicação de Deus além da visão do povo de Jerusalém, fazendo uso de Jonas como um instrumento de conversão.

Entretanto, antes de aprofundar conhecimentos acerca da história do livro de Jonas, dado que o presente subcapítulo já refletiu acerca da autoria do livro em questão, cumpre-se aprofundar conhecimentos acerca da época atribuída para o mesmo. Ainda segundo Alencar (2010), a narrativa do livro de Jonas não oferece nenhuma evidência que pautem a possibilidade de datar o livro. A existência de um profeta que vivera sob o nome Jonas no século XVIII não representa que o livro tenha sido escrito em tal época. Para o autor, existem elementos que indicam uma datação tardia ao Livro de Jonas. A saber:

- Várias palavras de origem aramaica são observadas na narrativa de Jonas. O aramaico tornara-se língua oficial no período persa. As palavras que designam os marinheiros e o navio (Jonas 1;5) e o decreto do rei de Nínive (Jonas: 3;7) advêm da língua aramaica;
- A história de Jonas, conforme observado em Jonas (3;7-8) faz alusão aos costumes persas, como por exemplo na participação de animais nos rituais de penitência;
- Nínive era identificada como capital da Assíria no tempo de Jonas, de modo que a cidade só se tornara importante no tempo de Senaquerib, em 704 a.C. O rei seria tratado como rei da Assíria e não rei de Nínive;
- Não há influência no livro de Jonas da época helenística, do tempo de Alexandre Magno e de seus sucessores, como também não aparecem conflitos com samaritanos, nem mesmo questões envolvendo casamentos com mulheres estrangeiras;

Esses elementos, segundo Alencar (2010, p. 8) não são suficientes para que possa ser

precisada a data na qual fora escrito o livro de Jonas, entretanto “é possível afirmar que o livro tenha sido escrito no final do século IV ou no início do século III a.C., no período persa”.

Segundo Dasilva (2003) Deus ordenou que Jonas se levantasse e fosse para a grande cidade de Nínive. Jonas teria dito ‘não’ a Deus, sabendo que Assíria era uma inimiga terrível de Israel. Jonas, na verdade, temia que Nínive se arrependesse e fosse poupada por Deus da punição e condenação iminente. Caso Nínive caísse, Israel de Jonas escaparia de suas investidas e de seus ataques. Jonas, convocado por Deus, fugiu.

Erthal et al. (2002) apontam que logo que Jonas fugiu, tomando um navio para Tárzis, Deus passou a agir, mandando forte vento sobre o mar e criando uma grande tempestade. Jonas dormia no porão do navio e o capitão perguntou-lhe por qual motivo o mesmo encontrava-se preso ao sono, dormindo enquanto o medo e o pavor tomavam conta dos tripulantes, que clamavam para os deuses o seu livramento. Jonas no versículo seis do primeiro capítulo do livro, também clama por Deus:

Os tripulantes do navio ficaram indignados quando Jonas responde que era hebreu, que servia ao Deus do céu, mas que estava fugindo dEle (1:8- 10). Por causa de sua atitude Jonas foi obrigado a enfrentar as conseqüências e acabou por confessar sua transgressão. “E ele lhes disse: Levantai-me e lançai-me ao mar, e o mar se aquietará” (1:12). Jonas se sentia, nesse momento, culpado por ter desobedecido a Deus e por colocar a vida da tripulação em perigo. Apanharam Jonas e o lançaram ao mar. A tempestade parou milagrosamente (1:14,15). O resultado contrastante nesta situação foi a conversão da tripulação: “Temeram pois, estes homens ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor e fizeram votos” (1:16) (ERTHAL et al., 2002, p. 37).

O clamor de Jonas para Deus, entretanto, além de sua rebeldia, fora atendido. Jonas mostrou-se sincero e temente a Deus, pedindo pela misericórdia divina e livramento, ou seja, que sua vida fosse poupada. Deus providenciou um grande peixe para salvar a vida de Jonas, deixando-o vivo por três dias dentro de seu ventre. Em Jonas (2:10) observou-se sete milagres divinos: a tempestade, a sorte de Jonas, a calmaria do mar, o grande Peixe, a sobrevivência de Jonas por três dias, o peixe sendo conduzido até a praia e o peixe vomitando Jonas em terra seca, vide ordem divina (FABIO, 1991).

Ora, a noção principal do livro de Jonas diz respeito justamente à misericórdia divina. Deus pune, na mesma medida em que salva. Deus aproxima-se de seus filhos mesmos quando os mesmos fogem, desde que os mesmos se arrependam verdadeiramente. Essa é a concepção fundamental do livro de Jonas.

3. EPISÓDIOS QUE DEMONSTRAM A OSCILAÇÃO DA OBEDIÊNCIA E DESOBEDIÊNCIA A DEUS AO LONGO DA ERA BÍBLICA

Jonas é apenas um exemplo da oscilação entre a obediência e desobediência a Deus ao longo do percurso da era bíblica. O presente subcapítulo do estudo busca relatar outros episódios no qual é demonstrada tal oscilação na era bíblica.

Talvez o mais conhecido ponto que elucida tal questão seja observado em Gênesis. Deus concedera tudo a Adão, menos que devorasse os frutos da árvore do conhecimento do bem e do mal, deixando claro que se Adão devorasse tais frutos, ele certamente morreria (Gênesis: 2-17). Deus, ainda que misericordioso, puniu Adão lançando-o para fora do jardim do Éden para lavrar a terra que fora tomado (Gênesis: 3-23).

Campbell e Freedman (1970) aponta que Adão propôs a penitência, buscando o perdão de Deus e sua clemência, dando-lhes algo para que sustentassem a vida. Para si, foram quarenta dias de jejum. Eva, ficara perto do tigre, pegando uma padra e permanecendo no rio, com a água até o seu pescoço. A água do Jordão parou e Satanás temia que Deus de fato perdoasse Adão e Eva. Esse é um dos principais exemplos bíblicos acerca do arrependimento à desobediência diante de Deus. Em Romanos 5:19 tem-se que pela desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim como pela obediência de um, muitos serão constituídos justos.

A oscilação entre a obediência e a desobediência a Deus também é retratada no episódio narrado em Romanos. No versículo 30 do capítulo 11 do livro tem-se que “Pois, assim como vós outrora fostes desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles”. Ora, Deus não premia aos que obedecem após a desobediência, mas sim é misericordioso pelo arrependimento genuíno e sincero.

4. ATUALIDADE: ALGUNS EPISÓDIOS EM NOSSA VIDA ATUAL QUE DEMONSTRAM A INSTABILIDADE DO SER HUMANO EM PERMANECER FIEL A DEUS

O ser humano é falho e imperfeito por natureza. Entretanto, não fora só na era bíblica que o homem demonstrou dificuldades em permanecer fiel e obediente a Deus. De fato, tal instabilidade fora observada durante toda a história humana e pode ser amplamente observada em nossa conduta na atualidade. O presente subcapítulo busca demonstrar e exemplificar como tais episódios contemplam a instabilidade do ser humano em permanecer

fiel a Deus.

O primeiro mandamento bíblico clama para que o homem ame a Deus sobre todas as coisas. Entretanto, observa-se que o ser humano em muito se afasta de Deus. Os constantes estímulos e os desejos de acúmulo de riqueza por parte do ser humano são exemplos de elementos que afastam o homem de Deus. Por vezes, o homem dá importância demasiada ao dinheiro, colocando-o como uma prioridade em sua vida acima de Deus ou orando a Deus tão somente pedindo por riqueza material e não por riqueza espiritual.

Ora, nem mesmo o primeiro mandamento bíblico é uma tarefa fácil de ser alcançada pelos servos de Deus. Deus não é objeto de ostentação e por isso acaba sendo “deixado de lado” pelas pessoas, que passam a buscar sobretudo a riqueza material e a estabilidade financeira, estando desalinhadas aos preceitos e princípios divinos.

O principal ponto no qual é observada a instabilidade do homem em permanecer fiel a Deus encontra-se nos estímulos presentes em nossa sociedade. Entretanto, o dinheiro e a ideia de acúmulo da riqueza são apenas alguns dos conceitos que afastam o homem de Deus. A sexualidade é um outro exemplo claro de estímulo que torna o homem infiel e desobediente aos olhos do divino.

De fato, o sexo tornou-se um produto de consumo na atualidade. Consumir o sexo e almejá-lo de maneira desenfreada e irrestrita é um dos retratos da sociedade. O sexo é objeto de desejo nos filmes, músicas, revistas e amplamente presente no mundo virtual, não tão somente na pornografia, mas na internet como um todo. O homem ludibria-se de um mundo que respira sexo, não mantendo a integridade sexual almejada por Deus. O homem peca constantemente contra a sexualidade, cobiçando também a mulher do próximo.

Todos os mandamentos por Deus podem ser colocados como desafios ou obstáculos para que o homem permaneça fiel a Deus, em diferentes níveis. O homem, pecador por natureza, cria tais obstáculos em sua conduta diária, caindo constantemente em tentação, de maneira semelhante ao exemplo retratado no subcapítulo anterior do presente estudo, quando Adão sucumbiu à única tentação que o detinha.

A cobiça é um dos grandes problemas enfrentados pelo homem ao manter um relacionamento com Deus. Não expressa-se nesse sentido apenas uma cobiça desenfreada pelo dinheiro e pelo sexo, mas também pelas coisas alheias. Os homens desejam o poder e o conseguem através de tais elementos. A televisão, por exemplo, vende a ideia daquelas vidas perfeitas dos bem sucedidos, provocando que o homem cobiçe os bens e a própria vida de terceiros, desconsiderando-se a si próprio e ao seu relacionamento íntimo com Deus.

Entretanto, o homem teme a Deus arrepende-se constantemente. Confessa o seu pecado e volta rapidamente a pecar, sucumbindo aos elementos que o fizeram pecar em outro momento: Novamente almeja o poder, o sexo, a riqueza financeira. Deseja, de tal forma, tudo aquilo que não tem.

E para suprir essa alarmante necessidade o homem faz uso de todos os meios e mecanismos possíveis, por muitas vezes pouco se importando se atender a eles significa estar ainda mais distante do divino. Roubar é um exemplo de uma prática comum em nossa sociedade, não tão somente nos homens que roubam para sustentar um vício em substância, mas também em homens que roubam pelo simples ideal de acúmulo da riqueza, repreendido por Deus.

Assim, o homem se vê diante de todo um cenário desfavorável para que o mesmo mantenha-se fiel a Deus. De fato, a sociedade há muito tempo se afastara dos princípios e preceitos divinos, não demonstrando mais o arrependimento genuíno ao cometerem pecados e insistindo seus erros independentemente as lições divinas já concebidas.

Pode-se equiparar o contexto atual ao que observamos na história de Jonas trabalhada anteriormente no presente estudo. Jonas também, sabendo de suas funções e da vontade de Deus, disparou em fuga. O homem atual também conhece suas funções e a vontade de Deus, e, mesmo assim, as ignora diante de um egoísmo, sacrificando sua própria alma por sentimentos e prazeres pueris.

Somente quando o homem sente falta da presença de Deus, o mesmo cogita o arrependimento. Jonas aprendera sua lição, ao permanecer no ventre do peixe por três dias clamando pela misericórdia divina. O homem atual, entretanto, parece não aprender suas lições. Ele insiste no pecado e sucumbe aos pecados e estímulos pecaminosos amplamente presentes em nossa sociedade. Há pontos de aproximação e afastamento entre os episódios relatados no presente estudo e o contexto atual de vivência do homem. Entretanto, permanece o retrato das dificuldades de permanecer-se estavelmente fiel ao divino.

5. ABORDAGEM DO VERDADEIRO ARREPENDIMENTO

Conforme apresentado, o homem arrepende-se buscando a misericórdia e o perdão de Deus. O arrependimento, segundo Delumeau (2003) é deixar o pecado, e para que o pecado seja abandonado tal arrependimento deve ser verdadeiro, buscando o perdão divino e comprometendo-se em não cometer o mesmo pecado.

No subcapítulo anterior foram relatados acontecimentos rotineiros da vida atual que sugerem que o homem deixara de se arrepender verdadeiramente. Jonas, por exemplo, arrependeu-se verdadeiramente ao conceber a soberania de Deus. Arrependeu-se em um primeiro momento ao observar a tempestade e arrependeu-se quando estava em alto mar e durante os três dias nos quais esteve dentro do ventre do peixe. Jonas, de fato, arrependeu-se verdadeiramente de sua desobediência diante de Deus, buscando corrigir suas falhas.

Adão, no mesmo sentido, mostrou-se desobediente ao divino e arrependeu-se gravemente, colocando todos os homens em pecado. Adão buscava que Deus tivesse pena e piedade de si e de Eva, concedendo-lhe meios para sustentar a vida. Pode ser questionado o motivo que conduziu Adão ao arrependimento, mas não se o mesmo fora ou não verdadeiro.

O homem arrepende-se muito de suas falhas para com Deus, fruto da instabilidade de seu relacionamento de obediência para com o divino. Entretanto, o homem atual costuma repetir seus pecados, arrependendo-se constantemente por medo de punições, mas raramente arrependendo-se verdadeiramente. O homem não atribui culpabilidade a si mesmo por seus pecados e, quando o faz, o faz de maneira displicente, insistindo nos mesmos erros que outrora cometera.

Todavia, isso diz respeito justamente à natureza pecadora do homem. Mesmo na Bíblia, são raros os casos de arrependimento verdadeiros (DELUMEAU, 2003). Castro (2013) aponta que o arrependimento verdadeiro ou genuíno. Para o autor, o arrependimento verdadeiro consiste na ideia por trás da desobediência do homem em relação a Deus, seja por meio de uma ordem direta ou, como é mais comum na atualidade, por meio da desobediência aos preceitos bíblicos.

Um exemplo de arrependimento verdadeiro inquestionável na Bíblia encontra-se na história de Davi:

A oração de Davi, depois do maior erro de sua vida, ilustra a natureza da verdadeira tristeza pelo pecado. Seu arrependimento foi sincero e profundo. Ele não fez nenhum empenho por atenuar a culpa. Não foi o desejo de escapar ao juízo que lhe inspirou a oração. Davi reconheceu a enormidade de sua transgressão, viu a contaminação de seu ser e sentiu nojo do pecado. Não suplicava unicamente o perdão, mas também um coração puro. Desejava a alegria da santidade e estar, mais uma vez, em harmonia com Deus (ENSINOS DE JESUS, 2012, p. 21).

Ora, levando em consideração a história de Davi, compreende-se que o arrependimento verdadeiro é fruto de um genuíno sentimento de tristeza do ser humano ao desapontar a Deus, representado pela sinceridade e pela verdade, aceitando o pecado que

cometera e não negando-o. Trata-se do desprezo pelo pecado propriamente dito.

Souza (2009) aponta que o homem peca quando ele age contra aquilo que é imposto pelo divino. Com o pecado, o homem e a mulher tornaram-se seres decadentes, sendo o arrependimento a noção através da qual o homem e a mulher podem ser sinceros com Deus, assumindo sua culpa no pecado e demonstrando tristeza diante de sua desobediência.

O arrependimento verdadeiro, além de tais características, não advém de ação humana, mas sim de ação divina, uma vez que:

Nenhum ser humano tem o poder de perdoar pecados. Somente Deus, por meio de Cristo, aquele que nunca pecou, pode nos conceder perdão e paz de espírito. O ensino de que algum ser humano tem poder de perdoar pecados não está em harmonia com a Bíblia. Nenhuma ação humana é capaz de conseguir o perdão. Somente Deus, em Jesus Cristo, pode perdoar nossos pecados. Por isso, devemos nos aproximar Dele com o coração verdadeiramente arrependido (ENSINOS DE JESUS, 2012, p. 21).

Assim, o arrependimento verdadeiro é obtido tão somente na comunhão do pecador com Deus. Ele deve manifestar com sinceridade o seu arrependimento pelo erro cometido, independentemente das dimensões nas quais deu-se o pecado. Em uma era na qual pecar é socialmente aceitável, arrepender-se verdadeiramente é uma das difíceis tarefas do pecador.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo concentrou-se em uma abordagem clara e objetiva acerca do Livro de Jonas, sobretudo no aspecto condizente à conduta de Jonas em relação a Deus, demonstrando sua desobediência diante do divino e a concepção de arrependimento verdadeiro presente em Jonas para que o mesmo pudesse persistir no caminho traçado por Deus, executando a função divina que lhe fora incumbida.

No mesmo sentido, observou-se que o pecado sempre fora um retrato do homem desde os tempos de Adão, sendo que na atualidade os estímulos pecaminosos estão ainda mais presentes. Há a noção de arrependimento, mas não há a noção de arrependimento verdadeiro conforme observada nas passagens de Jonas e Davi. O arrependimento verdadeiro diz respeito à natureza da verdadeira tristeza pelo cometimento do pecado, sendo sincero e profundo, sem desejar escapar da punição e curvando-se à superioridade de Deus.

Evidentemente, o presente estudo não buscou esgotar o assunto ou torna-lo acabado, mas sim abordar as concepções do verdadeiro arrependimento e das oscilações entre a

obediência e a desobediência divina observada tanto na era bíblica quanto na atualidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J.F. Revista Vida Pastoral – setembro-outubro 2010 – ano 51 – n. 274.

BAZIOLI, A.J. Graça Soberana: Um Estudo do livro de Jonas. © Comunidade Presbiteriana Chácara Primavera Ministério de Grupos Pequenos. Abr/2011.

BÍBLIA SAGRADA. Disponível em: sanderlei.com.br/PDF/Biblia/Biblia-Sagrada-Joao-Ferreira-de-Almeida.pdf Acesso: Jul/2017

CAMPBELL JR., E; FREEDMAN, D. The biblical archaeologist, New York, A. Doubleday Anchor Original, 1970.

CASTRO, D.R. João Batista Profeta Do Amor Esponsal. ISBN: 978-85-7784-077-9 © Edições Shalom, Aquiraz, Brasil, 2013 (1ª edição)

CLEMENTE, M. A Riqueza de Jonas. Editora RHJ. 2008.

DASILVA, R.E. As Revelações Do Livro De Jonas. Pulpito On-Line. Forta Lauderdale, Mai/2003.

DELUMEAU, Jean. O pecado e o medo – a culpabilização no ocidente (séculos 13-18). Bauru: EDUSC, 2003. 2 v. Tradução Álvaro Lorencini. v.1- 623 p.; v. 2

ENSINO DE JESUS, 2012. O que Jesus Ensinou sobre o Perdão. 6ª lição. Disponível em <ensinosdejesus.com.br/materiais/estudos/estudo-6.pdf> Acesso: Jul/2017.

ERTHAL, L.A. et al. Profetas Menores. Seminário Evangélico para o aperfeiçoamento de Discípulos e obreiros do Reino - SEMEADOR. Niterói, 2002.

FABIO, C. Jonas: O Sucesso do Fracasso. 1991.

SOUZA, J.N. O DESTINO DO HOMEM NO PLANO DE DEUS: uma análise da antropologia patrística sobre a “imagem e semelhança”. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 1, n. 1, p. 119-145, jan./jun. 2009